

LITERATURA COMO MAPA E ESPELHO - MARGARET ATWOOD E A IDENTIDADE CANADENSE

Luciana Labatti Teixeira Serpa

Considerando o conflito canadense pela busca de identidade e autonomia diante da constante ameaça de dominação cultural, discuto a preocupação da autora Margaret Atwood em estabelecer uma tradição literária canadense em face da experiência colonial de seu país. Através da análise de dois de seus contos, procuro demonstrar como a condição de colônia afetou o imaginário canadense, apresentando a busca de Atwood em valorizar a tradição de seu povo, sob uma perspectiva pós-colonial.

Margaret Atwood ocupa uma posição significativa na literatura canadense contemporânea, sendo uma celebridade literária internacional sobre a qual muitos críticos escrevem. Sua procura por uma identidade Canadense revela uma preocupação em estabelecer uma tradição literária no Canadá, mostrando através do tema de seus livros os problemas e dilemas de seu país. Seus contos “Alien Territory” e “Homelanding” expressam, entre outros temas, a preocupação da autora com a condição de colônia do Canadá, e como essa experiência afetou o imaginário de seu país. Ambos mostram a sua procura para encontrar uma herança e uma identidade cultural apresentando sua crença na produção literária como instrumento descolonizador.

Como Coral Ann Howells mostra, Atwood, canadense de nascimento e criação, nascida de pais naturais da Nova Escócia, com tradições familiares ligadas aos ingleses leais ao Império Britânico que deixaram Massachusetts depois da Declaração de Independência Americana, tem feito muito para que a cultura canadense se torne visível. Para um leitor internacional seu projeto tem sido procurar “traduzir o Canadá, mapeando sua geografia, sua história de colônia explorada pela Europa, sua herança literária e artística, seus mitos culturais”(Howells 10). Howells explica que “as representações que Atwood faz do Canadá são uma combinação de um documentário realista com uma interpretação imaginativa nascidas de sua própria perspectiva como mulher canadense branca anglo-falante moradora de Ontário”(11). Isso significa que ela “não é uma imigrante ou nativa, nem é do oeste ou de Quebec, e se fosse isso faria uma grande diferença na sua representação”(11).

Atwood assumiu essa tarefa de “traduzir o Canadá” quando descobriu que o país é “um território desconhecido para as próprias pessoas que vivem nele. O Canadá como um pensamento, como um lugar que você habita não só com o seu corpo mas com a sua cabeça. É nesse espaço que nos encontramos perdidos”(Survival 18). Com essa tarefa Atwood aposta na relevância da produção artística para declarar problemas sociais e políticos, mostrando que

o que uma pessoa perdida precisa é um mapa do território, com a sua própria posição marcada nele para que ela veja onde está em relação a todo o resto. Literatura não é apenas um espelho, é também um mapa, uma geografia da mente. Nossa literatura é esse mapa, se aprendermos a lê-la como nossa, como produto de quem somos e de onde estamos. Nós precisamos deste mapa desesperadamente, precisamos saber sobre esse lugar, pois é aqui que vivemos. Para os membros de um país ou de uma cultura, dividir conhecimento sobre um lugar, o lugar deles, não é luxo mas necessidade. Sem esse conhecimento nós não vamos sobreviver. (18/19)

Escrevendo sobre a Imaginação Pós-colonial de Atwood, Diana Brydon explica como alguns trabalhos de Atwood podem ser analisados pela perspectiva pós-colonial, pois seria “impossível apreciar totalmente a obra artística dela, bem como suas limitações, sem levar em conta a visão que ela tem do contexto pós-colonial”(90). Ela ainda esclarece que a crítica pós-colonial se preocupa em teorizar sobre os oprimidos, questionando uma extensa dominação econômica e política nunca antes vista. Para tanto, conta com o suporte de uma complexa inter-relação imperialista que define raça, classe, nação e gênero. Essas definições, e as suposições nas quais estas se baseiam, tem sido mantidas e popularizadas pela literatura. Brydon acredita “que o estudo de sociedades como o Canadá, colônias de povoamento, pode trazer melhor dimensão ao entendimento do imperialismo e pós-colonialismo em todas as suas várias manifestações ao redor do mundo”(90). Países assim podem quebrar o modelo simplista da oposição nós/eles, primeiro/terceiro mundos, nações avançadas/em desenvolvimento, colonizador/colonizado. Todos os trabalhos de Atwood poderão, portanto, sofrer uma re-leitura através da ótica pós-colonial, interrogando as representações da

identidade canadense e as ansiedades de um povo simultaneamente marginalizado e privilegiado.

E é justamente pela necessidade de saber mais sobre si mesma e de sua tradição literária como canadense, que Atwood escreve um estudo temático da literatura de seu país. Em *Survival* ela defende a idéia de que para o colonizador no Canadá, o novo país é um lugar de exílio, onde o antigo país deve ser recriado – um desejo que reflete a visão do universo onde a ordem é inerente. Sobre *Survival*, Brydon avisa que “o livro não apenas detalha a forma pela qual Atwood entende que o status colonial do Canadá guia a literatura do país, mas o livro também apresenta um plano de ação para descolonizar a imaginação do povo canadense”(91). Portanto esse livro é uma tentativa de revelar a importância da literatura com agente do colonialismo, mostrando que Atwood acredita que esse papel pode ser alterado, ajudando no desenvolvimento de uma noção de identidade, contrapondo o paternalista imperialismo britânico. Nesse livro ela mostra que grande parte da literatura de seu país lida com vítimas de vários tipos e que sobrevivência é o tema central.

O livro foi concebido para expressar o triunfo das vítimas em permanecer vivas. Ser canadense, para Atwood, é um estado de espírito que quase sempre se refere a vitimização, a um tipo de fracasso psicológico: “até certo ponto o fracasso em atingir nada além do que a sobrevivência, se torna não uma necessidade imposta pelo hostil mundo externo, mas sim uma escolha que vem de dentro”(34). Ela acredita que a literatura canadense se orienta por essa idéia de vitimização basicamente por seu status de colônia, já que ser colônia é ser explorado e oprimido. Ela reconhece que esse conceito é internalizado, gerando uma mentalidade colonial. Ela identifica algumas posições de ação e comportamento em *Survival*: negar o fato de que você é vítima; reconhecer ser vítima mas explicar como desejo de Deus ou História; reconhecer ser vítima mas recusar a aceitar o papel como algo inevitável; ser uma não-vítima criativa. Atwood adverte que as posições são as mesmas para um país,

minoria ou indivíduo. Barbara Rigney explica que o significado político dessas posições é óbvio já que Atwood “pede por um nacionalismo canadense através de uma análise não apenas da literatura, mas de como esta reflete a mente do povo”(24). Em sua busca, Rigney ressalta, Atwood descobriu uma tradição repleta de vítimas: animais, nativos, mulheres, esquimós, invasores, dominados. Todos vítimas uns dos outros ou da natureza. É por isso que a imagem dominante na ficção canadense é a sobrevivência, a não-heróica sobrevivência da vitimização (123).

Em face dessa sobrevivência seria possível questionar como o Canadá construiria essa questão de identidade nacional, uma vez que esta nasce a partir da construção ideológica, pois é algo que diferencia um lugar do resto do mundo. Entretanto o país tem essa imagem bilíngüe, de nação multicultural que apresenta diferenças dentro dele (Howells 12). O Canadá tem uma herança dupla que se origina da conquista britânica da colônia francesa Nova França (1763). Portanto, historicamente, o Canadá tem sido sempre definido em relação as suas mães européias – França e Inglaterra (12).

A pesquisa no campo pós-colonial está crescendo porque permite uma investigação muito maior sobre as relações de poder. Entretanto, países como o Canadá – colônias de povoamento – muitas vezes são omitidos da longa lista de países pós-coloniais por não terem tido uma luta tão árdua por independência. Mas ainda podemos argumentar que o relacionamento entre esses países é um de centro e margem, fazendo com que a análise da experiência desses lugares seja relevante para o entendimento do pós-colonialismo. Linda Hutcheon mostra que o Canadá foi colonizado por imigrantes que não se consideravam canadenses, mas europeus vivendo em um lugar novo. Portanto, toda história e conhecimento que eles carregavam era europeu. Enquanto autores essas pessoas escreviam na tradição européia, até o momento em que a experiência canadense forçasse uma alteração de atitude. Mas isso demorou a acontecer porque muitos eram leais às tradições, encorajando os

canadenses a honrar símbolos coloniais ao invés de adotar símbolos próprios, nunca desvincilhando o Canadá da Inglaterra. Foi essa tradição que Atwood herdou, a tradição do colonizador que glorifica suas conquistas sobre os outros. Literatura se torna, então, uma das várias formas de colonização, com uma extensa lista de autores ingleses que passaram a servir o império e se tornaram os mais fieis súditos. Sobre sua própria educação Atwood comenta: “História consistia em estudar as antigas culturas Grega, Romana e Egípcia, a Europa Medieval e os reis da Inglaterra. Literatura era Inglesa e francês era ensinado com sotaque de Paris. Os estudantes canadenses aceitavam e acreditavam que história e literatura eram feitos fora dali”(Carrington 23).

Atwood só percebeu essa aceitação passiva mais tarde. Quando em Harvard ela foi obrigada a ler extratos dos sermões puritanos da época da revolução americana. Isso ajudou a instigar o seu anseio por uma identidade canadense, uma vez que ela percebeu o quanto a literatura e a história canadense eram esquecidas e desvalorizadas dentro do país. Pode-se dizer que essa experiência em Harvard teve grande impacto na sua auto-imagem como canadense, pois foi lá que ela começou a pensar no Canadá com uma forma cultural própria. Como canadense em Harvard Atwood se sentia invisível, ou pior, não-existente. Portanto parece óbvio que seu trabalho literário se voltasse para a busca de uma identidade visível.

Os contos “Alien Territory” e “Homelanding”, ambos publicados nos anos 90, trazem idéias já desenvolvidas por Atwood nos anos 70. Seus trabalhos iniciais focavam um nacionalismo cultural, uma vez que ela acreditava que canadenses ignoravam sua história e literatura. Essa ausência de uma identidade desperta em Atwood a vontade de escrever sobre os medos e problemas de seu país, pois é hora dos canadenses se pronunciarem, e não de ficarem passivos, negligenciando sua própria tradição, ouvindo outras pessoas definindo o que eles são. Atwood acredita que essa atitude passiva faz do Canadá uma colônia tanto

econômica quanto cultural. Ela reconhece os efeitos psicológicos do passado colonial canadense, “pois o Canadá como nação, nunca se sentiu central, cultural ou politicamente, na verdade sempre sentiu um profundo senso de marginalidade, sofrendo uma desvalorização emocional e intelectual absoluta”(Hutcheon 171). Nos anos 90 o foco de Atwood não muda muito, apesar de sua carreira ter atingido um nível altíssimo, o que se reflete na coleção de contos *Bones & Murder*. Esta agrega histórias de *Murder in the Dark* (1993) e *Good Bones* (1992). Os dois contos mencionados tratam de invasões, guerras, nativos, problemas de comunicação e a maneira pela qual as pessoas percebem os outros. São divididos em seções – variações do mesmo tópico.

Com “Alien Territory” Atwood expressa a idéia de invisibilidade, mostrando como a diferença funciona contra aqueles que não ocupam o poder. Na primeira seção ela apresenta os nativos: “... os tambores dos nativos, batendo, batendo alto, rápido, muito alto, devagar. Eles são hostis? Quem pode saber, eles são invisíveis (103). Ela demonstra que os nativos são os primeiros no lugar, mas para colonizadores e exploradores, eles não existem, são invisíveis. O sofrimento quando da invasão é apresentado: “Ele dorme e acorda, acorda e dorme, e de repente, tudo é movimento e terror, e ele leva um tiro e tenta respirar”(104/105). Diferença física e lingüística também são abordadas: “Nenhum deles se parece com ele, e a língua que eles falam é incompreensível”(105). Aqui notamos a questão do outro, já que as pessoas não se identificam umas com as outras, enfatizando a diferença. A questão da identidade também é mencionada: “De onde eu vim? Ele pergunta, não pela primeira vez... De onde? Do quê? Ele cobre as orelhas, calando a mentira, a vergonha, o puro horror. Isso não é para ser pensado...”(105). Podemos perceber a preocupação em detectar uma origem, a tentativa de descobrir a qual lugar se pertence, talvez até indicando a idéia de que a luta violenta por território deixa cicatrizes profundas nas pessoas.

Atwood também expõe o aumento de poder relacionado com o aumento de território, mostrando que os exploradores iam de um lugar para outro, adicionando terras a seus domínios: “Não espanta que na primeira oportunidade ele pula a janela e se junta à uma gangue de exploradores”(105). Ela mostra também que o invasor muda o ambiente da colônia para que este se aproxime da metrópole, modelando o lugar, para que este se torne perfeito, assim como o lugar de onde eles vieram. Essa mesma atitude mostra novamente a sensação de não pertencer a um lugar, onde a procura pela pátria mostra o sentimento duplo conhecido por varia nações pós-coloniais: “Pelo quê eles procuram? Pela pátria? Pelo verdadeiro país? O lugar de onde vieram, que não é aqui”(106).

Ela desenvolve mais ainda a questão da diferença. Apesar da máxima “todos os homens são criados iguais”, ela demonstra que as diferenças óbvias de cor e sexo fazem com que as pessoas busquem explicações “em algo abstrato e seguro”(107). Ela também comenta sobre a guerra e como “a história da guerra gira em torno de corpos mortos. Corpos matando outros, corpos sendo mortos”(107). Ela ressalta: “Alguns desses corpos são de mulheres e crianças, mero efeito-colateral”(107). Pessoas pouco importam quando suas mortes podem ser justificadas pelo ideal da conquista de dominação do melhor para a nação. Ela fala ainda das pessoas sendo negociadas.

Já em “Homelanding” ela mostra um lugar sendo invadido por gente de outro planeta. Ela começa dizendo da dificuldade de se definir e de definir o seu lugar: “Por onde devo começar? Afinal de contas você nunca esteve lá, ou se esteve não entendeu bem o significado do que viu ou pensou ter visto”(141). Ela mostra que a invasão assusta os nativos: “os nativos que você assusta desaparecem para trás da cortina, ou para as florestas, ou para um buraco no centro da cidade”(141). Ela descreve ainda os invasores e seus hábitos. Ao decorrer da descrição notamos que esta cabe na descrição dos humanos: “Eu sou típico: ando em duas pernas, tenho dois braços com dez dedos. Meus olhos estão na minha cabeça”(142).

Ela fornece belas descrições do lugar, e fala da beleza do pôr-do-sol. Diz ainda que o lugar é extenso, com pequena população. Avisa que seu país é um país de metáforas, e que tudo vermelho os comove.

Um tema presente tanto nesse conto como no outro é a morte. Nesse ela é explicada em detalhes. A crescente da narrativa, que culmina na descrição da morte e nos hábitos com relação a ela mostra que essa pessoa de outro planeta não é tão diferente de nós, pois a morte nos aproxima a todos. Esse assunto encerra o conto, mostrando que é justamente na morte que pessoas e nações se encontram e se cruzam. Ao contrário da máxima “Leve-me a seus líderes” esse invasor pede: “Leve-me até os seus mortos”(147).

Ambos os contos mostram guerra e morte, evidência que é ponto comum entre todas as nações pós-coloniais que lutaram bravamente por sua independência. Vemos a busca da identidade, nos corpos, nos mortos, no passado e na paisagem. Neles Atwood revela sua preocupação com as transações de poder em todos os níveis (sexual, social, nacional, internacional), mostrando que a noção de identidade canadense se relaciona com outros problemas relevantes à cultura deste país. Eu ousaria dizer que um conto completa o outro, pois muitas vezes a pátria pode ser um território estrangeiro. Os contos mencionados mostram o medo de invisibilidade dos canadenses, a sensação de não pertencer a lugar nenhum e a impossibilidade de definirem a si mesmos. Motivada por tudo isso Atwood se lança na renegociação do que é ser canadense dentro da condição especial de seu país. Atwood explora esse dilema que todo autor enfrenta – que é fazer de sua obra literária um instrumento de resistência contra a dominação mental que seu povo sofre, mostrando a necessidade de descolonizar as mentes de um povo que ainda se considera subjugado.

Vários autores canadenses vêm analisando os efeitos do colonialismo, numa luta para se autoconhecerem, sem se autodestruírem, no desejo de existir de forma independente e distinta – como canadenses. Portanto, na tentativa de atingir uma identidade, canadenses

devem mapear a situação pós-colonial na qual se encontram – tanto passado quanto presente – visando espelhar essa nova realidade, refletindo o total dessa experiência.

No geral Atwood acredita no poder da literatura como mapa e espelho, uma vez que o “leitor olha no espelho e vê não o autor, mas a si mesmo, e por trás dessa imagem, ele vê um reflexo do mundo em que vive”(Survival 15). O esforço de Atwood se expressa nesses dois contos, onde o desejo de se reconhecer uma voz distintamente canadense mostra essa busca de identidade independente, longe da idéia do Canadá como um lugar híbrido das culturas Inglesa e Francesa. Atwood crê na busca de uma tradição mantida através da literatura. Para tanto, os autores de seu país devem descolonizar suas próprias mentes e as de seus leitores, ajudando a encontrar a resposta do que é ser canadense. E é por isso que ela encoraja seus companheiros a lidar com a realidade, mesmo que esta seja perigosa e dolorosa, pedindo que eles se juntem a ela na responsabilidade de serem artistas representantes dessa realidade.

BIBLIOGRAFIA

- Atwood, Margaret. “Alien Territory.” *Bones and Murder*. London: Virago, 1995.103-116
- . *Bones and Murder*. London: Virago, 1995.
- . “Homelanding.” *Bones and Murder*. London: Virago, 1995. 141-151.
- . *Survival: A Thematic Guide to Canadian Literature*. Toronto: McClelland & Stewart, 1996.
- Brydon, Diana. “Atwood’s Postcolonial Imagination.” *Various Atwoods: Essays on the Later Poems, Short Fiction, and Novels*. Ed. Lorraine M. York. Ontario: Anansi, 1995.
- Carrington, Ildikó. “Margaret Atwood.” *Canadian Writers and Their Works*. Fiction Series, vol. 9. Eds. Robert Lecker, Jack David, Ellen Quigley. Toronto: ECW, 1987.
- Howells, Coral Ann. *Modern Novelists: Margaret Atwood*. London: Macmillan P, 1996.
- Hutcheon, Linda. “Circling the Downspout of Empire.” *Past the Last Post : Theorizing Post-Colonialism and Post-Modernism*. Eds. Ian Adam and Hellen Tiffin. Calgary: U of Calgary P, 1990. 169-189.

Rigney, Barbara. *Women Writers: Margaret Atwood*. London: Macmillan Education, 1987.

OBSERVAÇÃO: Este trabalho foi originalmente escrito em Inglês. Todas as citações são livres e de minha autoria.